

EXPRESSO – 3 de Setembro de 2011

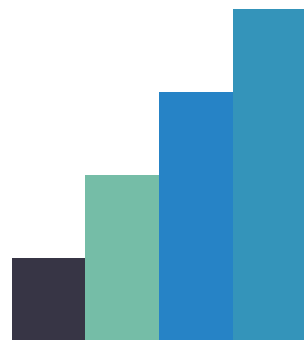
LOBO ANTUNES CHEGA AO CINEMA

Solveig Nordlund atreveu-se a adaptar António Lobo Antunes ao cinema. Ou, melhor, afeiçoou a si própria o romance “A Morte de Carlos Gardel” e fez um filme visceral e emocionante. Abre no dia 5 o Douro Film Harvest, festival onde o cinema serve de veículo para o vinho do Porto e para a promoção turística da região duriense – sessão às 21h30 no Teatro Auditório Municipal de Alijó. Tem estreia nacional nas salas agendada para 22.

Ponhamos as coisas no ponto certo. É impossível transpor Lobo Antunes para cinema, a interpenetração espaço-temporal continuada que ele usa, desde há anos, como estrutura encantatória e carceral não tem equivalente fílmico possível. O mais perto que é possível chegar, sem se vaguear no acronismo, é o que faz a realizadora desta fita, saltando sequências temporalmente disjuntas, num processo que não sinaliza as transições, mas o espectador avisado decifra sem problemas. O leque factual do romance também é largo demais para os propósitos do filme. Solveig Nordlund restringe-o, fecha-se em torno do casal separado com um filho no hospital em risco de vida induzido pela toxicodependência, numa cunhada médica e em mais duas breves personagens adjacentes. A tragédia é aquele abeiramento da morte e a memória, o estraçalhamento interior, o acordar da culpa que vem atrás. Pela escada abaixo, como se a vida tivesse tropeçado e tudo viesse a desabar em catadupa, são histórias de adultos desencontrados nos egoísmos dos seus mundos autocêntricos. Mas, ao contrário do universo do romance, não é gente para execrar. Solveig gosta deles, Lobo Antunes não. Tudo é embalado pelo tango – obsessão do protagonista masculino, herança de família, a única coisa certa na sua vida – que o filme mostra, ora como harmonia perfeita, ora como sobrevivência patética. Tire-se o chapéu, a propósito, para saudar a generosidade com que Rui de Carvalho entrega a pungente dignidade do seu episódico personagem.

Em “A Morte de Carlos Gardel” há muita coragem na exposição de sentimentos fundos. À flor da pele, vivida, surpreendente numa cineasta que, tendo nascido na Suécia, vivendo e trabalhando em Portugal há quase 50 anos e com um lugar no cinema português desde a segunda metade da década de 70, nunca teve um empenhamento emocional tão direto. É certo que os seus últimos filmes mais conhecidos – “Até Amanhã, Mário” (1993), “Comédia Infantil” (1997), “Aparelho Voador a Baixa Altitude” (2001) ou “A Filha” (2003) – são todos fixados em filhos, mas agora é um processo de auto-aniquilação nos quais há quase um processo de culpabilidade dos adultos. “A Morte de Carlos Gardel” é sobre pais, não sobre filhos perdidos, uma auto-análise adulta, olhos nos olhos. Com um toque de melodrama – e desespero. Rui Morisson, Celia Williams, Teresa Gafeira e o estreante Carlos Malvarez dividem, entre si, os papéis principais de um filme a que uma competente produção encabeçada por Luís Galvão Teles deu condições de visibilidade. Pudera que isso bastasse para o merecido sucesso de público.

J.L.R.



NOTA

4 estrelas

A MORTE DE CARLOS GARDEL

de Solveig Nordlund (Portugal)

com Rui Morisson, Teresa Gafeira, Celia Williams

Drama

Há, no romance de António Lobo Antunes que Solveig Nordlund fez seu para realizar o filme mais pessoal de toda a sua obra, uma vertigem de sofrimento, um mal-estar de vida, um desencontro abissal entre as pessoas, entre as pessoas e o passado, entre as pessoas e a realidade que as circunda – sempre feia e áspera, para vomitar. Solveig Nordlund aplanou um pouco os abismos entre os personagens para se centrar eminentemente num, a morte de um filho e o que isso faz a Álvaro, o pai, um realizador de cinema que nunca lhe ligou muito, mas que agora se desmorona por inteiro, ali, à nossa frente. Outros personagens convergem, Cláudia, a mãe do rapaz, alemã (Celia Williams, penteada e maquilhada como a realizadora era há três décadas), com um companheiro jovem que quase tem a idade do filho, Graça, a irmã de Álvaro (Teresa Gafeira, enfim, com um papel para nos lembrarmos dela no cinema), médica que vive com uma mulher muito mais nova que lhe faz a vida negra; mas, de facto, é Álvaro (Rui Morisson, sempre credivelmente natural, a mostrar que não é preciso muito histrionismo para figurar o mais entranhado desespero) o verdadeiro Cristo de uma via-sacra em que a vítima sacrificial, por uma vez, não é quem morre.

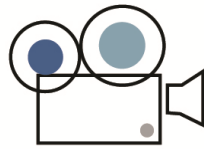
A fuga para o tango, para essa improvável aliança com o ‘Carlos Gardel português’ (belíssimo contributo de Rui de Carvalho às emoções de um filme que não tem vergonha de as ter a rodos), é uma espécie de preenchimento da vida por uma *rêverie* conscientemente absurda, um esgar mais do que um sorriso, uma faca a fingir de véu – uma *feérie* tão triste que nos faz verter uma lágrima, antes de desatar a aplaudir o filme com ambas as mãos. E se me disserem que é para esconjurar a dor expressando um entusiasmo incomensurado, eu não digo que não. **J.L.R.**

SOLVEIG NORDLUND ADAPTA AO CINEMA LOBO ANTUNES

Solveig Nordlund acredita no sucesso de “A Morte de Carlos Gardel”: tem condições de conquistar o público”

Anda com o livro debaixo de olho desde que foi publicado, em 1994, história próxima de um autor próximo sobre quem se debruça, entretanto, em 1998 e 2009, em dois documentários. “Mas só há cinco anos é que decidi transpô-lo para filme”, afirma Solveig Nordlund. De António Lobo Antunes não foi difícil obter os direitos de “A Morte de Carlos Gardel”, nem escrever a adaptação que empreendeu sozinha. “Reduzi a história. E acrescentei coisas minhas. A segunda mulher do Álvaro, por exemplo, é diferente, no livro ela até é uma ternura, eu trato a personagem um bocadinho pior. Depois, até fiquei com alguma má-consciência...”. É certo, todavia, que, no filme, o tango está muito mais presente, “talvez porque o livro não tenha banda sonora”.

Solveig não concorda comigo, quanto ao olhar diverso que romancista e cineasta olham os personagens: “Não acho que o António despreze os personagens, ele gosta deles, gosta é de uma maneira diferente do que eu gosto – aliás, o Álvaro é um bocadinho o seu *alter ego* e estou convencidíssima que ele gosta de si próprio”. Mas assume que tem uma ligação forte com aqueles seres, ao ponto de dizer, face ao personagem de Cláudia, “identifico-me com ela, as palavras dela podiam ser minhas”.



Na altura em que nos encontrámos, Lobo Antunes ainda não vira o filme, quando lhe pergunto se lhe importa a opinião do escritor, Solveig é desarmante: “Agora não há nada a fazer”, logo acrescentando “mas claro que preferia que ele gostasse”.

Nos intérpretes, a escolha primeira foi Rui Morisson, para o papel de Cláudia “pensei primeiro na Maria João Luís, que tinha que falar com sotaque, depois numa atriz sueca, mas acabei por escolher a Celia Williams, por casting. A ‘Celia’ mais nova é norueguesa [Ida Holten Worsøe] e decorou os diálogos em português foneticamente, com ajuda de auricular, ela não fala português. A Teresa Gafeira também foi uma escolha inicial, eu trabalho muito com o Teatro de Almada e conheço-a de lá. É um desperdício que o cinema português quase nunca a tenha utilizado”.

Muito bem conseguida é a exequível transposição para cinema da mescla temporal de Lobo Antunes, “um trabalho de corta-e-cola, quer no argumento, quer na montagem. No papel os tempos já se entrecruzavam, mas depois verifiquei que nem sempre resultava. Desloquei algumas cenas de um sítio para outro”, numa procura de rimas que acabaram irrepreensíveis, digo eu. E houve material que se filmou e acabou fora do filme, “por exemplo, o livro começa com a chegada ao hospital e chove. Eu filmei a cena, só que não consegui que a chuva funcionasse bem. Então, decidi que o filme ia começar com o tango. Também filmei várias cenas que se passavam depois da morte, mas percebi na montagem que, depois daquele momento tão forte, os espectadores não iam querer saber mais nada. Ficou o final com o Rui de Carvalho”, mas essa é uma outra morte, uma espécie de suicídio existencial do protagonista.

“A Morte de Carlos Gardel” estreia em Portugal sem ter feito um périplo por festivais. “Não quisemos adiar a estreia para 2012. E fiz bem. Está a agradar às pessoas que já o viram, é um filme português com condições de conquistar o público. Isso é o essencial. As vendas, nos festivais, hoje em dia, não existem. Mas apostámos na Argentina, espero que o filme vá ao Festival de Mar del Plata, em Novembro”.

Jorge Leitão Ramos

